Lygia Bojunga - *Retratos de Carolina*
Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2002.

Ludmilla Oliveira dos Santos

Desde a chamada Trilogia do Livro, composta por *Livro* (1988), *Fazendo Ana Paz* (1991) e *Paisagem* (1992), a escritora Lygia Bojunga vem abrindo as portas de seu fazer literário ao trazer para dentro de sua narrativa um pouco de sua relação com a escrita. A cada nova história, a autora revela seus anseios e reflete sobre a relação que ela e seus leitores estão construindo, ao longo de sua carreira, com o livro. Bojunga nos convida a partilhar de seu processo criativo, do nascer de um personagem ao acabamento do livro que temos nas mãos, o que torna o seu jeito de narrar cada vez mais envolvente e cúmplice.

Retratos de Carolina (2002) é, mais uma vez, resultado dessa relação escritora e leitor. Mas, principalmente, a mistura da escritora com suas personagens, levando-a a fundir seu espaço físico real com o espaço que estas ocupam na ficção: "pensando assim: se eu sou uns e outras, por que dissociar uns das outras?" (p. 164). Para possibilitar esse encontro, a autora constrói uma narrativa em duas partes. Na primeira, conhecemos um pouco

de Carolina, dos seis aos vinte e cinco anos, por meio de pequenos retratos de acontecimentos marcantes em sua vida; na segunda, escrita "para você que me lê", Bojunga também vira personagem e ficcionaliza a *sua* história com a protagonista, em ambas as partes, trabalhando com elementos próprios de romances de formação (*bindungsroman*).

O matiz desse novo livro continua sendo um tema caro à escritora: a emancipação de seus personagens por meio da capacidade criativa. Para desenvolvê-lo, a escritora "retrata" uma menina mimada, superprotegida pelo pai, nascida em uma família de classe média alta, que a medida em que cresce vai descobrindo as armadilhas de seu mundinho elitista, sedimentado pelo preconceito e pelo poder econômico: as amizades fúteis, o casamento mantido sem amor, as traições e decepções que se escondem nas aparências familiares. Ao se perceber prisioneira dessas convenções sociais, a personagem é impelida a lançar um outro olhar sobre sua vida, em um valioso processo de autoconhecimento, como se cada retrato simbolizasse as etapas de um ritual de passagem, preparando-a para construir seu futuro, para ser dona de sua vida. Por isso, Carolina quer mais do que a possibilidade de um final feliz; ela mesma quer decidir o seu final.

Os oito retratos feitos por Bojunga são considerados pela personagem "negativos", por um lado, por mostrarem-na frustrada e infeliz; por outro, por estarem, a seu ver, inacabados. No entanto, a escritora parece ter colocado um ponto final no romance. Nesse momento, Carolina e Bojunga se encontram na ficção e, ao dialogar com sua personagem, a escritora tenta impor sua condição de criadora. Nós, leitores, presenciamos um encontro tenso entre duas mulheres que se completam e que conhecem a força de sua imaginação. Nos vemos diante de um jogo, estabelecido pela escritora para, por meio de Carolina, e dos diários que ela escreve, dialogar conosco e consigo mesma, "em feitio de história que continua", sobre as incertezas que a tomam no momento de finalizar uma história.

A intromissão da autora, feita de forma tão determinada, já não causa estranhamento no leitor. Segundo Bojunga, escrever um livro é estabelecer uma relação profunda que precisa ser levada até o fim em suas possibilidades. E sua maneira de revelar as marcas inconfundíveis da escrita – as que ficam em quem escreve, e as que nascem em quem lê – é tentar não impor limites entre fantasia e realidade, nos deixando livres

para transitar em um universo onde a liberdade criativa é como a mão que faz girar o *cata-vento*.

Atenta aos obstáculos impostos pela sociedade elitista da qual fazemos parte, Bojunga permeia sua obra com uma vigorosa crítica social, usando como instrumento de resistência a imaginação. Dessa forma, mais do que retratos de sua protagonista, Bojunga nos oferece uma pintura das relações burguesas, cujo discurso ainda afeta a individualidade das pessoas, emoldurando-as em relações estáticas e sem profundidade. A família de Carolina, por exemplo, é representada por um sólido discurso paternalista, cujas amarras determinam o destino de seus membros. O relacionamento de pai, mãe e filha é construído por diálogos abundantes, ritmados pela tensão ou euforia das personagens, mas que revelam a imensa dificuldade que elas possuem em comunicar-se umas com as outras. São silêncios marcados por reticências, por olhares fugidios, pelo medo ou pela certeza de que relações construídas com cuidado e mantidas com tanto esforço possam ser facilmente abaladas por uma pequena fissura, uma simples palavra fora do lugar.

Ao expor as fraturas desse ambiente familiar, Bojunga direciona nosso olhar para uma discussão sobre o papel da mulher, dentro e fora da literatura. Em *Retratos de Carolina* não aparecem mulheres fortes e engajadas em realizar seus sonhos (como a avó do personagem Vítor, em *O sofá estampado*), ao contrário, predominam figuras femininas estereotipadas, da riquinha esnobe e autoconfiante à fútil e *soi-disant* moderninha, que dividem o mesmo espaço que Carolina de forma a evidenciar a transformação da protagonista. Em contato com elas, a figura de Carolina ganha relevo, retrato a retrato, compondo uma mulher de matéria mais forte: coragem, autoconsciência e sonho.

A personagem mãe de Carolina é o retrato mais evidente de mulheres que, uma outra grande escritora brasileira, Lygia Fagundes Telles, chamaria de "espartilhadas", protegidas pela clausura do *status quo*. Se mãe e filha já esbarravam em um relacionamento silencioso, essas duas gerações se distanciam ainda mais quando Carolina se projeta para o futuro e estilhaça as expectativas de sua mãe, vista pela filha como repressora, quase uma bruxa. Essa personalidade seca é explicada mais tarde pelo pai da personagem. Em seu depoimento, testemunhamos que a esposa é "treinada" socialmente para esperar tudo do marido, da subsis-

tência física à segurança moral (preservação da honra perante os outros membros de sua classe), sem precisar trabalhar, estudar ou envolver-se num mundo que está além de suas fronteiras sociais: o lar.

Para ele (e, mais tarde, também para Carolina), a esposa não passa de uma coitada, cuja vida não poderia ser mais pobre. "Talvez ela não ache pobre, não sei; ela foi programada pra achar que, se as contas são pagas, o conforto assegurado, a família agregada, a casa limpa e arrumada, então está tudo bem, o resto não chega a interessar. Então, é possível que ela seja feliz. De uma coisa eu tenho certeza: ela não se acha uma coitada" (p. 119). E mais adiante: "pra tua mãe só é coitada a mulher que não arruma um homem pra sustentar ela" (p. 120). Impressão que ganha contornos mais fortes quando as duas conversam sobre o casamento de Carolina, a separação, o aborto, enfim, as escolhas que a mãe nunca poderia ter feito. Na realidade, ela nem demonstra perceber sua condição. É o resultado cego da imposição social que recai sobre as mulheres. Imposição essa que uma vez internalizada, faz com que essas mulheres esperem muito pouco de si mesmas.

Embora construídas de forma a evidenciar a libertação de Carolina, num exercício de representação que pode nos levar a pensar de forma crítica o papel da mulher na sociedade e na literatura, infelizmente, não há espaço na narrativa para que essas coadjuvantes também ganhem em complexidade. Por outro lado, o comportamento subserviente dessas personagens desencadeia o desconforto necessário para refletirmos sobre nosso próprio processo de emancipação, individual ou coletivo.

Nesses ritos de transição, Carolina esbarra em agentes opositores e facilitadores em sua busca, representados pelas figuras masculinas do ex-marido e do pai, respectivamente. Seleção emblemática da autora uma vez que os papéis femininos e masculinos representados socialmente se tornam indissociáveis: o discurso da dominação masculina é intrínseco à discussão acerca do gênero. Valorizando o relacionamento de cumplicidade entre pai e filha, a autora escolhe o momento em que ele desiste de lutar contra a morte, para Carolina começar a lutar pela vida, tentando recuperar aos poucos as expectativas que foi "traindo uma a uma".

Comprometida com sua individualidade, ela decide controlar sua própria vida, deixando para trás a manipulação do marido, o tal (e sonhado)

"Homem Certo" – tipo refinado, sofisticado, sempre a espera de uma nova herança – que, com charme de homem mais velho e dinheiro a conquista para, depois do casamento, espancá-la e estuprá-la. Ao lado dele, Carolina não passa de uma sombra, um simples "negativo" do que sempre sonhou ser.

Ao se libertar do "Homem Certo", das agressões, da condição de sombra, o que sua mãe em outras circunstâncias sempre foi, a protagonista começa a construir seus próprios espaços: o exterior, alugando com esforço um pequeno apartamento e decorando-o a sua maneira, com os poucos recursos que lhe restaram; e o interior, organizando suas lembranças para que as frustrações dessem lugar à certeza de poder construir um futuro "com as próprias mãos".

Uma vez que os espaços são fundamentais para a escritora Lygia Bojunga, o amadurecimento de suas personagens tem uma relação direta com o ambiente em que transitam ou que escolhem para si. Geralmente, os ambientes sociais são barreiras, somente vencidas quando em contato com espaços simbólicos, muitas vezes, o onírico ou imaginário. Para Carolina, a escrivaninha de seu pai, o sonho revelador e a casa onde escritora e personagem se encontram na narrativa são esses espaços simbólicos, sem fronteiras

No *Cata-vento*, morada localizada em São Pedro d'Aldeia (RJ), a personagem ficcional transita sem reservas, apropriando-se de um espaço real da escritora. Realidade e imaginação fundem-se e a presença dessas duas mulheres num mesmo espaço, defendendo suas escolhas criativas dentro do ofício literário, só enfatiza a ligação do real e imaginário proposta pela autora, em que a fronteira não passa de uma linha fina e feita a lápis. Durante esse encontro, percebemos que a presença física da escritora já se moldava na primeira parte do livro, por meio das palavras decisivas do pai de Carolina, e na constante menção à sua escrivaninha, repleta de papéis e histórias, exatamente como a mesa de trabalho onde a autora decide, após longa reflexão, escrever o último retrato de sua personagem.

Acumulando vários prêmios no Brasil e exterior (recentemente o prêmio *Astrid Lindgren Memorial Award*, Suécia, 2003, pelo conjunto de sua obra), Lygia Bojunga começa com *Retratos de Carolina* "uma nova caminhada": a aventura de acompanhar a trajetória de seus livros, não apenas como escritora. Sendo o primeiro lançamento da editora Casa Lygia Bojunga, exclusiva para publicar somente as obras da autora, a temática

é um pouco mais adulta. Apesar de manter o mesmo estilo e a mesma linguagem coloquial que a consagraram, ao contrário do livro *O abraço* (1995), *Retratos de Carolina* não recebeu a classificação infanto-juvenil.

A mudança de prateleira de tempos em tempos não modifica a relação de Bojunga com seu público. Essa relação só obedece a uma categoria: a do encantamento pela palavra escrita. Mesmo após uma extensa produção, a escritora conserva sua personalidade inquieta e apaixonada, pronta para contar histórias e compartilhar sua paixão pelo livro. A intromissão da escritora em fazer "letra de capa, de folha de rosto, de abertura de capítulo e não sei o que mais", nos aproxima ainda mais de seu universo, retratos coloridos, em que nada proporciona mais oportunidades do que uma imaginação bem exercitada.